

A ESCOLA E O ATO DE ESTUDAR

Olga MOLINA *

RESUMO: O trabalho pedagógico ainda repousa basicamente no binômio professor-livro didático. O aluno, entretanto, não domina a leitura, pouco lê e, quando o faz, aceita passivamente o que lhe é apresentado como dogma. Para aproveitar o esforço despendido no ato de estudar, o aluno deve ser ativo, autônomo e ter intenção de aprender. Se não for capaz, o estudante deve ser treinado até desenvolver as habilidades necessárias. Um plano para ser executado durante as atividades normais de aula é o tema do presente trabalho.

PALAVRAS-CHAVE: Habilidades de Estudo. Ensino de Leitura. Hábitos de Leitura. Livro Didático.

INTRODUÇÃO: O BINÔMIO PROFESSOR — LIVRO DIDÁTICO

O trabalho pedagógico, não obstante o avanço dos recursos colocados à disposição de alunos e professores, pelo menos nos meios mais favorecidos e que vão de simples quadros murais até sofisticados computadores, ainda repousa basicamente no binômio professor-livro didático. Com efeito, em certos momentos históricos, chega-se a ter a impressão de que, sem o livro didático, o professor não atua realmente. Em vista disso, poder-se-ia esperar um cuidado maior, da parte dos professores, na preparação de seus alunos para a tarefa de estudar. Não é o que ocorre, entretanto. Na escola comum, ocorre uma seqüência mais ou menos estereotipada de ações que poderia ser assim resumida:

a) O professor dá aula (explica o assunto, oralmente) enquanto o aluno ouve (presta atenção).

b) O professor ordena que o aluno estude o assunto no livro didático. Este ponto é, muitas vezes, omitido simplesmente ou, no mínimo, não se ensina ao aluno como estudar. Tudo se passa como se estudar fosse uma habilidade cujo desenvolvimento dependesse de mera estimulação ambiental, "naturalmente" colocada à disposição do aluno. Parte-se do pressuposto de que, uma vez alfabetizado, o aluno torna-se competente em leitura e, conseqüentemente, capacitado para o estudo.

* Professora Assistente Doutora do Departamento de Metodologia do Ensino e Educação Comparada. Faculdade de Educação. USP.

c) O aluno resolve os exercícios propostos no livro (ou no caderno de exercícios anexo ao livro, ou ainda em folhas mimeografadas) e confere os resultados com o professor (na lousa, em outro livro, etc.).

Ainda que corriqueira, nem por isso tal seqüência revela-se eficiente, quando se examinam os resultados obtidos pela escola pública. Mesmo deixando de lado os problemas estruturais da sociedade, cuja falta de solução resulta na impossibilidade de acesso à escola para uma larga faixa da população e na exclusão, no decorrer do processo de escolaridade, de outro grande contingente de alunos, ainda se vê, claramente, que, em sua maioria, os jovens que conseguem, apesar de tudo, chegar ao fim do ensino de 1.º grau não estão capacitados para "o gozo da cidadania numa sociedade democrática, para o acesso as atividades profissionais e, acima de tudo, para o melhor conhecimento de si mesmos e do ambiente natural e social em que devem viver". (Lemme, 1985) Não dominam a leitura, não alcançam o texto escrito como fonte de informações de seu mundo e base para o exercício do pensamento crítico. Pouco lêem e, quando o fazem, aceitam passivamente o que lhes é apresentado como dogma, porque a palavra escrita sempre foi tratada pela escola, especialmente no livro didático, como uma verdade pronta, acabada e irretocável.

O aluno ainda é tratado, na escola onde essa seqüência impera, como o anedótico recipiente vazio que deve ser preenchido, se for passivo o suficiente, pelos conhecimentos transmitidos acriticamente pelo professor ou, diante dos inumeráveis obstáculos que este enfrenta para um exercício eficiente de suas funções, pelo livro didático. O papel reservado ao aprendiz, neste drama, é o de mero coadjuvante, mudo e atento às falas dos atores principais — o professor e o livro didático.

Antes de propor uma metodologia de trabalho visando modificar essa relação de papéis, convém examinar o que se entende por estudar na proposta em questão.

O QUE É ESTUDAR

a) *Atividade do aluno*

Estudar, entre outras acepções, significa "aplicar as faculdades intelectuais para aprender um determinado conteúdo", "dedicar-se à compreensão de algo", "fixar na memória, aprender de cor", "aplicar o espírito, a inteligência, a memória, para saber ou adquirir instrução ou conhecimento", "analisar, observar, examinar atentamente", "exercitar-se, adestrar-se em algo".

Percebe-se na seqüência descrita a falta de oportunidade para a realização de qualquer um dos atos englobados nos diferentes sentidos da palavra *estudar* transcritos acima, com exceção talvez do terceiro, pelo

menos enquanto implicam em atividade intelectual para resultar em aprendizagem significativa, verdadeira e útil para o aluno. As questões são, muitas vezes, de tão baixo nível que requerem, quando muito, uma resposta literal meramente transcrita do texto apresentado. É impossível, para o aluno, errar a resposta, mas isso não significa, em absoluto, que ele tenha aprendido algo.

Suponha-se um texto, ainda que absurdo, como:

“O pope borou a sasa”.

Qualquer aluno responderia corretamente a questão:

“Quem borou a sasa?”

ou completaria:

“_____borou a sasa”

ou até mesmo:

“A sasa foi borada_____”;

sem, como isso, aprender nada através dessas questões literais. Ele estaria ativo num sentido físico, isto é, teria seu tempo ocupado durante a aula. Não estaria, porém, estudando e, muito menos, aprendendo algo que merecesse investimento de tempo e energia.

Estudar só tem sentido quando leva a uma aprendizagem significativa e esta depende da utilização das capacidades cognitivas do aprendiz. Decorar lista de fatos, datas e palavras sem sentido, apenas para devolvê-los numa avaliação e esquecê-los em seguida, não contribui em nada para a formação do sujeito curioso e crítico em relação ao mundo onde vive. É opção do professor escolher entre preencher o tempo do aluno com atividades sem sentido, meramente “escolares” ou dar-lhe oportunidade para atuar de fato na sua realidade, durante o tempo que permanece na escola e, principalmente, depois.

b) *Autonomia do aluno*

Um segundo problema originado do descaso votado pela escola às habilidades de estudo consiste na falta de desenvolvimento de um comportamento autônomo do aluno, que deveria ser levado a uma independência do livro didático e até mesmo da palavra dogmática do professor. Se um dos objetivos da escola é levar o aluno a aprender, torna-se extremamente relevante o desenvolvimento de suas habilidades de estudo, a fim de que ele possa buscar, em todas as fontes possíveis, e não apenas no livro didático, as informações de que necessita para fundamentar sua visão crítica. Não será ordenando ao aluno que “faça pesquisas” e abandonando-o à sua própria sorte, para depois aceitar como “trabalho” uma cópia de

qualquer enciclopédia, que o professor estará ajudando seu aluno na busca da autonomia. É preciso ensiná-lo a estudar.

Estudar, na presente proposta, é a habilidade que depende, sobretudo, da capacidade de leitura do aluno. Se ele ainda não o é, compete aos seus professores (todos eles, sem exceção, em qualquer nível) ajudá-lo a vir a se tornar um leitor eficiente, capaz de estudar realmente, para aprender a partir de um texto, de qualquer texto. Trata-se, neste caso, de ler principalmente material informativo, não ficcional. Não se considera a leitura com objetivos estéticos ou recreativos, apesar de sua evidente importância. Também não se discute a questão, aliás muito relevante, de que a leitura pode ser feita com o propósito de uma fuga da realidade (caso em que, provavelmente, nenhum texto seria instrutivo) ou de um aprofundamento da compreensão do mundo (quando todos os textos, de qualquer nível ou tipo, poderiam ser extremamente importantes e plenos de conhecimentos a serem adquiridos).¹

O estudante lê para aumentar sua compreensão de um dado fenômeno, qualquer que seja ele, e lê materiais variados, em busca das informações relevantes, que devem ser organizadas, comparadas e recriadas, numa visão pessoal, crítica, desse mesmo fenômeno. A escola compete desenvolver essas habilidades no aluno, mas deve-se deixar sempre muito claro que elas não se destinam à utilização intra-muros. Muito ao contrário, são importantes e devem ser desenvolvidas porque constituem a base da autonomia do cidadão capacitado para o gozo da cidadania numa sociedade democrática.

c) *A intenção de aprender*

O ato de estudar, nesta proposta, implica necessariamente a intenção do aprendiz em aprender algo a partir de um texto. Quer o desafio resulte de uma tarefa passada pelo professor, com maior ou menor significado para o aluno, quer resulte de uma necessidade sentida de compreender melhor um fato cotidiano qualquer, identificado fora do contexto escolar, sempre será necessário que o estudante (ou seria melhor dizer-lhe o estudioso?) se empenhe numa série de ações para as quais deve estar ativo (conforme já foi dito). Nem toda atividade, porém, interessa ao estudo verdadeiro. Importam aquelas atividades que representam um desafio interessante e compatível com o nível de desenvolvimento das capacidades e habilidades do aprendiz. Por capacitação, deve-se entender que as tarefas

1. Na verdade, para os objetivos deste trabalho, o que se pretende é delimitar um ponto específico para discussão — a leitura para fins de estudo. Em consequência, não se adentra a questão dos objetivos amplos do ato de ler, o que constituiria, por si só, tema para uma reflexão bem mais aprofundada. A escolha desta forma de argumentação, neste momento, resultou de uma opção consciente por objetividade, ainda que reconhecendo o empobrecimento consequente. Em outra ocasião, pretende a autora desenvolver novo trabalho com o objetivo de uma busca de possíveis encaminhamentos para a questão.

apresentem níveis de complexidade adequados (nem inferiores, nem superiores) ao desenvolvimento cognitivo do aprendiz. Habilitação significa domínio de certas ações, como por exemplo, identificação das idéias principais de um trecho e depende, (tal habilitação) obviamente, das capacidades do aprendiz.

Para estudar de maneira eficiente, portanto, o aluno deveria preencher duas condições: ter a intenção de se aplicar a uma tarefa e dominar as habilidades necessárias ao enfrentamento de um material (texto escrito, em geral) cujo conteúdo deve ser aprendido.

Inúmeros estudos têm demonstrado que, quando o aluno sabe que vai ser submetido a uma prova após a leitura de um texto, por exemplo, obtém melhores resultados quando comparado a outro aluno que leu o mesmo texto sem saber da avaliação posterior. Evidencia-se, assim, a importância de uma intenção do aluno para uma aprendizagem mais eficiente. É claro que, em condições ideais, deveria o aluno estudar mesmo sem o compromisso da prova. Esta é uma questão, entretanto, que depende de gosto pelo estudo. Para gostar é preciso saber fazer. Volta-se, assim, ao ponto inicial: é preciso ensinar ao aluno como estudar, para ele se sair bem nesta tarefa, adquirir o gosto pelo estudo e passar a estudar, ainda que não seja obrigado. Ele será, finalmente, um aprendiz permanente, estudante daquilo que despertar o seu interesse e se mostrar digno da sua atenção.

Outro aspecto resultante da intenção do aluno consiste na preparação de um ambiente adequado para o estudo. Nas condições sócio-econômicas da maioria dos alunos das escolas públicas é quase utopia pretender tal adequação, quando muitas vezes a família dispõe de um único local para todas as suas atividades. Mais uma vez é preciso lembrar a responsabilidade da escola, seja facilitando a tarefa do aluno na própria aula (estudando de fato, e não escrevendo intermináveis exercícios destituídos de sentido), seja orientando o aluno e a família para uma otimização das condições existentes. É preferível aproveitar ao máximo o pouco que se tiver do que não fazer nada à espera de condições melhores.

O aluno pode ser instruído, por exemplo, para o melhor aproveitamento de seu tempo. Deverá organizar seu horário, diário e semanal, conjugando as aulas na escola com o estudo em casa (ou no emprego, em horário do almoço, como puder). Se o aluno for capaz de lidar de maneira racional e eficiente com o seu tempo de estudante, provavelmente generalizará esta habilidade para outras situações de sua vida. É importante, também, que ele aprenda a descansar. Valorizar as pausas é uma necessidade.

Ao professor compete orientar seus alunos tanto para o estudo individual como em grupo. Como já foi explicitado anteriormente, abandonar o aluno à sua própria sorte não é pedagogia renovada, é simplesmente falta de capacidade no exercício do magistério.

*DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES DE ESTUDO*a) *Objetivos do ato de estudar*

Quando se estuda, os principais objetivos a serem alcançados são:

- a) obter informações;
- b) compreender um determinado assunto;
- c) avaliar criticamente as informações obtidas;
- d) sintetizar, reelaborando o conhecimento adquirido.

Estes quatro objetivos constituem uma hierarquia e o estudante deve ser instruído para realizar seqüencialmente as atividades capazes de levá-lo à consecução dos quatro níveis. De pouco adianta por exemplo, obter informações sem com isso alcançar maior compreensão crítica da realidade, condição básica para reformulação dessa mesma realidade.

Para quem sabe, estudar é uma tarefa agradável porque conduz a novos conhecimentos, desenvolve o pensamento crítico e amplia a visão do mundo. Não é, porém, uma tarefa fácil, suscetível de se desenrolar por mero acaso. Não surge espontaneamente. Compete ao professor ensinar ao aluno como estudar. Isto é tão importante, ou mais, quanto ensinar o conteúdo, porque quem sabe estudar pode aprender qualquer conteúdo com ou sem professor. Por muito ameaçadora que essa independência do aluno possa parecer ao mestre, acostumado ele próprio a um comportamento mais autoritário do que ousaria admitir, é importante ter sempre presente que o objetivo final da escola é capacitar o aluno a uma vida melhor fora da escola. Para isso, o aluno deve conservar o interesse pelo mundo onde vive ou seja, deve estudar sempre a realidade que o cerca.

b) *A proposta*

Para professores interessados em desenvolver as habilidades de estudo de seus alunos, propõe-se um plano de trabalho que deve ser executado durante as situações escolares normais. Em lugar do aluno apenas executar os exercícios propostos pelo livro didático, espera-se que o texto seja valorizado através de outras atividades destinadas a capacitar o aprendiz a enfrentar também outros textos informativos. Observe-se, aliás, que esse plano independe da adoção do livro didático e, além disso, pode ser executado ainda que com um livro não muito bom. Ao contrário, espera-se que o aluno possa estudar qualquer texto, evidentemente resguardados os necessários parâmetros quanto à idade e nível de escolaridade, para dele extrair o máximo proveito.

Trata-se, em outras palavras, de estabelecer uma rotina básica de estudo. Só depois de bem dominada, essa rotina será ampliada ou diminuída de acordo, agora, com a criatividade do aluno.

O plano de trabalho baseia-se, inicialmente, na conhecida técnica SQ3R (Morgan e Deese, 1969), cujas etapas fundamentais podem ser assim denominadas:

Fórmula:

S. Q. R. R. R.

1. survey levantamento
2. question pergunta
3. read leitura
4. recite repetição
5. review revisão

Considerando-se que estas cinco etapas podem ainda ser muito obscuras para alunos com pouca capacidade de leitura, é importante tornar o processo mais gradual. Uma combinação da técnica com as regras expostas no livro "A arte de ler" (Adler e Van Doran, 1974) resultou em dezoito etapas, assim divididas:

- | | |
|---|--|
| S | 1. Como tomar contato com um livro |
| | 2. A leitura de um capítulo |
| | 3. A importância do resumo |
| | 4. As perguntas do autor |
| Q | 5. As perguntas do leitor |
| | 6. Estudo de vocabulário — A utilização do dicionário |
| | 7. Como empregar palavras novas |
| | 8. Análise de palavras, o papel dos prefixos e sufixos |
| | 9. Como interpretar quadros |
| R | 10. Como interpretar gráficos |
| | 11. Como interpretar ilustrações |
| | 12. Como encontrar as unidades de pensamento do autor.
Os termos utilizados |
| | 13. Como determinar os pormenores significativos |
| | 14. Como encontrar a idéia principal do autor |
| R | 15. A repetição oral do texto |
| | 16. Fazer uma sinopse por escrito da leitura, sem reler |
| R | 17. Como responder perguntas a partir de um texto |
| | 18. A avaliação do que se lê |

Em duas oportunidades (Molina, 1983 e 1984), o plano foi posto à prova, ainda que não em condições normais de sala de aula comum, com resultados bastante satisfatórios. Neste momento, está sendo utilizado, pela

primeira vez, por professores de 1.º grau (da 1.ª a 8.ª série), numa escola pública estadual do município paulista de Embu. Os primeiros relatórios, referentes apenas às etapas iniciais, parecem bastante promissores. Espera-se levar o trabalho até o final do presente ano letivo para uma avaliação mais acurada e posterior divulgação dos resultados.

SUMMARY: The teaching experience is still based on the text-book. However, our students read very little and don't understand what they read. If they do read, their attitude is of total acceptance of what was read with no real thought given to the subject, as if it were a dogma.

The student must be active, autonomous and must also have the intention of learning so that his effort in studying will bring about good results.

When the student isn't able to accomplish his objectives he needs to be trained to develop the necessary skills. The theme of this paper is a plan to be used during the normal activities of the classroom to help the student attain his target.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADLER, M. J. e VAN DOREN, C. (1974) — *A Arte de Ler*, tradução de José Laurêncio de Melo. Rio de Janeiro, Agir.
- GARCIA, C. M. (1980) — *Comunicação em Prosa Moderna: aprenda a escrever, aprendendo a pensar*. 8.ª ed. rev. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1980.
- LEMME, P. (1985) — Pronunciamento de Paschoal Lemme — *Educação e Sociedade*, 7(21):8-32.
- MOLINA, O. (1983) — Desenvolvimento de habilidades de estudo: uma estratégia ao alcance do professor. *Educação e Seleção*, (8):45-53.
- MOLINA, O. (1984) — Diferenças no desempenho em leitura como resultado de treinamento em habilidades de estudo. *Educação e Seleção*, (10):35-42.
- MORGAN, C. T. e DEESE, J. (1969) — *Como Estudar*, tradução da equipe da Livraria Freitas Bastos. Rio de Janeiro, Livraria Freitas Bastos.